

4.2. Centro: Igreja de São João de Almedina, MNMC

No passado dia 13 de Abril de 2004 realizou-se a visita a Coimbra com vista à observação dos locais estudados pela colega Catarina Alarcão, na Igreja de S. João de Almedina, MNMC.

O contexto histórico deste espaço encontra-se referenciado na bibliografia (ALARCÃO, 2004).

De entre os diferentes locais onde se observa esta alteração, escolheu-se a área da parede que Catarina Alarcão designou pela letra A (ALARCÃO, 2004).

4.2.1. Formas de decaimento associadas

A área da parede em análise apresenta depósitos superficiais (poeiras, sujidades, etc. aos quais poderão estar associados microorganismos), pequenas fissuras, pulverolência, juntas abertas e lacunas de fraca intensidade.

4.2.2. Descrição da alteração cromática

Trata-se de uma alteração de cor que se inicia no rodapé em pedra calcária, ascendendo pela parede também em pedra calcária até cerca de 2,40 m de altura (não se verifica no chão de pedra calcária). Apresenta uma tonalidade rosada e aspecto de pincelada (no sentido vertical/ascendente), que se distribui de forma heterogénea pela parede e parece ter especial incidência nas juntas de argamassa (como se ascendesse por estas e a partir destas se desenvolvesse pelos blocos de pedra). Assemelha-se a uma película sólida (massa pulverolenta), coesa, relativamente uniforme, e de espessura muito reduzida. (Figuras 11 e 12)

4.2.3. Teste do cotonete

Esta película apresenta fraca adesão ao substrato, dado que é facilmente removida por um cotonete, permitindo observar a coloração original da pedra, aparentemente não deteriorada (observação a olho nu).



Figuras 11 e 12. Aspecto da coloração rosa; a sua presença no rodapé e paredes em pedra calcária.

4.2.4. Parâmetros colorimétricos das áreas de amostragem

As medições dos parâmetros de cor realizadas na área A (ALARCÃO, 2004), a oeste, sobre pedra alterada, designou-se por C.1.; na mesma área A, a sul, sobre pedra aparentemente não alterada, designou-se C.0.. As medições foram realizadas junto ao

limite superior da área colorida (a cerca de 2 m do chão). (Figuras 13 e 14)

m



Figuras 13 e 14. A área considerada não alterada, C.0.

No quadro 4 apresentam-se os valores da média, desvio padrão, máximo e mínimo dos parâmetros colorimétricos L^* , a^* e b^* para as áreas de amostragem sobre pedra, C.0. e C.1..

	C.0.			C.1.		
	L^*	a^*	b^*	L^*	a^*	b^*
Média	79.93	2.23	10.75	75.08	11.18	13.03
D.Padrão	1.3	0.39	1.07	1.76	1.7	0.99
Mínimo	77.51	1.69	9.36	73.41	7.71	11.67
Máximo	81.24	2.98	12.86	78.74	12.37	14.1

Quadro 4. A Média, Desvio-Padrão (D.Padrão), Mínimo e Máximo dos parâmetros L^* , a^* e b^* das áreas de amostragem C.0. e C.1.

No quadro 5 apresentam-se os valores de ΔL^* , Δa^* e Δb^* calculados a partir dos valores médios indicados no quadro 4 que permitirão calcular o valor ΔE^* .

	C.1. - C.0.
ΔL^*	-4.85
Δa^*	8.95
Δb^*	2.28
ΔE^*	10.43

Quadro 5. Os valores de ΔL^* , Δa^* , Δb^* e ΔE^* .

Da observação dos quadros 4 e 5 verifica-se que as medições efectuadas vêm de encontro ao revelado pela inspecção visual: existe variação de cor acentuada em ambas as situações C.0. e C.1., em que ΔE^* é aproximadamente 10,4. A alteração cromática promove a diminuição de luminosidade, isto é, a região alterada escurece (a tonalidade rosada é mais escura que a amarelada leitosa do calcário); dá-se o aumento de ambos os componentes vermelho-verde e amarelo-azul relativamente ao obtido na área considerada não alterada, o que significa que há ganho da componente vermelha e amarela em C.1. (a tonalidade rosada aproxima-se mais do vermelho que a superfície amarelada do calcário). Os resultados encontram-se conforme os de Catarina Alarcão, que concluiu tratar-se de uma alteração cromática de origem biológica (ALARCÃO, 2004).